



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ISABELLY TEIXEIRA GOMES

A Presença Negra em Ouro Preto: Cultura, Memória e Resistência

MARIANA MG

Fevereiro 2026

Isabelly Teixeira Gomes

A Presença Negra em Ouro Preto: Cultura, Memória e Resistência

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto, por meio da disciplina HIS 083 – Trabalho de Conclusão de Curso II, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Mateus Henrique de Faria Pereira.

MARIANA
Fevereiro 2026



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Isabelly Teixeira Gomes

A Presença Negra em Ouro Preto: cultura, memória e resistência

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em História

Aprovada em 20 de março de 2026

Membros da banca

Dr. Mateus Henrique de Faria Pereira - Orientador(a) Universidade Federal de Ouro Preto
Ma. Sidnéa Francisca dos Santos - Universidade Federal de Ouro Preto
Ma. Mariana Cunha Fontes - Universidade Federal de Ouro Preto

Mateus Henrique de Faria Pereira, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 01/08/2026



Documento assinado eletronicamente por **Mateus Henrique de Faria Pereira, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 04/08/2026, às 19:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1152634** e o código CRC **CA03309A**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.008764/2026-88

SEI nº 1152634

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163
Telefone: 3135579406 - www.ufop.br

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Universidade Federal de Ouro Preto, pela oportunidade de realizar minha formação acadêmica e pelo ambiente de aprendizado que permitiu o desenvolvimento intelectual e pessoal necessário para a realização deste trabalho.

Expresso minha profunda gratidão ao meu orientador, Professor Mateus Henrique de Faria Pereira, cuja orientação, dedicação e paciência foram fundamentais ao longo de todas as etapas deste TCC. Seus conselhos, críticas construtivas e incentivo constante contribuíram significativamente para a concretização deste trabalho e para meu crescimento acadêmico e pessoal.

Agradeço também aos meus amigos, que estiveram ao meu lado durante toda esta jornada, oferecendo apoio, incentivo e momentos de descontração que tornaram o percurso mais leve e motivador.

De forma especial, agradeço à minha família, pelo amor, confiança e incentivo incondicional, mesmo diante das dificuldades. O apoio emocional, a compreensão e a motivação de cada um foram decisivos para que eu pudesse enfrentar os desafios e concluir esta etapa da minha vida acadêmica.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, reforçando a importância do apoio coletivo, da dedicação e da perseverança na construção do conhecimento.

RESUMO

A formação histórica de Ouro Preto, especialmente no período colonial, foi marcada por profundas desigualdades sociais e raciais, decorrentes do sistema escravista e do domínio português. Entre 1710 e 1715, Vila Rica já apresentava expressivo contingente de pretos livres, revelando a complexidade social local para além da dicotomia entre senhores e escravizados. Nesse contexto, surgiram importantes irmandades negras, como a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pilar (1715) e a Irmandade de Santa Efigênia (1717), que funcionaram como espaços de organização social, espiritual e política, promovendo assistência mútua e preservação cultural. A exploração mineral intensiva na região demandou mão de obra africana e afrodescendente submetida a condições precárias, violência e negação de direitos, sendo a expertise técnica e o conhecimento africano essenciais para o êxito da mineração. Enquanto os brancos ocupavam posições de poder político e econômico, os negros, livres ou escravizados, eram responsáveis pelas operações de extração e manejo do ouro, consolidando uma estrutura social profundamente desigual. Esse contexto de opressão gerou formas diversas de resistência, manifestadas na religiosidade, na cultura e nas expressões artísticas, como o Congado, a Congada e o Reinado. Mesmo após a abolição da escravidão, em 1888, a ausência de políticas públicas inclusivas perpetuou as desigualdades raciais. As manifestações culturais afro-brasileiras em Ouro Preto passaram a assumir papel central como instrumentos de resistência, memória e afirmação identitária, articulando fé, música, dança e ancestralidade. A Festa do Reinado, intitulada *A Fé que Canta e Dança*, realizada desde 2009, exemplifica a continuidade dessas tradições, transcendendo o caráter religioso ao reafirmar pertencimentos e memórias coletivas. O reconhecimento institucional dessas práticas reforça sua relevância histórica e social. Em 2020, a Prefeitura de Ouro Preto elaborou dossiês de registro contemplando o Congado e outros grupos tradicionais. Posteriormente, em junho de 2025, o Congado, a Congada e o Reinado foram oficialmente reconhecidos como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo IPHAN, consolidando sua importância no âmbito nacional. A produção artística de Tunico dos Telhados também reflete essa tradição de resistência cultural, articulando sua trajetória criativa com as festividades do Congado e ressignificando a paisagem urbana colonial de Ouro Preto. Sua obra assume caráter político ao denunciar desigualdades raciais e valorizar a identidade negra. A análise da história e da sociedade de Ouro Preto evidencia simultaneamente as desigualdades produzidas pelo sistema escravista e o protagonismo negro na construção econômica, cultural e simbólica da cidade. As manifestações culturais e a produção artística afro-brasileira configuram-se como instrumentos de resistência, memória e afirmação identitária, contribuindo para o debate sobre racismo, desigualdade social e justiça histórica no município.

Palavras chaves: Resistência, artistas negros, Ouro Preto, identidade e Cultura afro-brasileira

RESUMEN

La formación histórica de Ouro Preto, especialmente durante el período colonial, estuvo marcada por profundas desigualdades sociales y raciales, derivadas del sistema esclavista y del dominio portugués. Entre 1710 y 1715, Vila Rica ya contaba con un significativo contingente de afrodescendientes libres, evidenciando la complejidad social más allá de la dicotomía entre amos y esclavizados. En este contexto surgieron importantes cofradías negras, como la Cofradía de Nuestra Señora del Rosario de los Negros del Pilar (1715) y la Cofradía de Santa Efigênia (1717), que funcionaron como espacios de organización social, espiritual y política, promoviendo asistencia mutua y preservación cultural. La intensa explotación minera en la región demandó mano de obra africana y afrodescendiente sometida a condiciones precarias, violencia y negación de derechos, siendo el conocimiento técnico africano esencial para el éxito de la minería. Mientras los blancos ocupaban posiciones de poder político y económico, los negros, libres o esclavizados, realizaban las operaciones de extracción, consolidando una estructura social profundamente desigual. Este contexto de opresión generó diversas formas de resistencia, manifestadas en la religiosidad, la cultura y expresiones artísticas, como el Congado, la Congada y el Reinado. Incluso tras la abolición de la esclavitud en 1888, la falta de políticas públicas inclusivas perpetuó las desigualdades raciales. Las manifestaciones culturales afrobrasileñas en Ouro Preto asumieron un papel central como instrumentos de resistencia, memoria y afirmación identitaria, articulando fe, música, danza y ancestralidad. La Fiesta del Reinado, titulada *A Fé que Canta e Dança*, realizada desde 2009, ejemplifica la continuidad de estas tradiciones, trascendiendo el carácter estrictamente religioso y reafirmando pertenencias y memorias colectivas. El reconocimiento institucional de estas prácticas refuerza su relevancia histórica y social. En 2020, la Municipalidad de Ouro Preto elaboró expedientes de registro que incluyeron el Congado y otros grupos tradicionales. Posteriormente, en junio de 2025, el Congado, la Congada y el Reinado fueron oficialmente reconocidos como Patrimonio Cultural Inmaterial de Brasil por el IPHAN, consolidando su importancia a nivel nacional. La producción artística de Tunico dos Telhados también refleja esta tradición de resistencia cultural, articulando su trayectoria creativa con las festividades del Congado y resignificando el paisaje urbano colonial de Ouro Preto. Su obra adquiere un carácter político al denunciar desigualdades raciales y valorar la identidad negra. El análisis histórico y social de Ouro Preto evidencia simultáneamente las desigualdades generadas por el sistema esclavista y el protagonismo negro en la construcción económica, cultural y simbólica de la ciudad. Las manifestaciones culturales y la producción artística afrobrasileña se configuran como instrumentos de resistencia, memoria y afirmación identitaria, contribuyendo al debate sobre racismo, desigualdad social y justicia histórica en el municipio.

Palabras clave: Resistencia, artistas negros, Ouro Preto, identidad y cultura afrobrasileña.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
1.1 Justificativa da pesquisa.....	12
1.2 Metodologia	13
2 OURO PRETO E A PRESENÇA NEGRA NA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA CIDADE.....	14
3 MEMÓRIA, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NEGRA.....	17
4 AÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS NEGRAS EM OURO PRETO.....	20
4.1 Tunico dos telhados.....	23
4.2 O Congado em Ouro Preto.....	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

A formação histórica do Brasil, especialmente no contexto colonial, foi marcada por desigualdades sociais e raciais, que estão associadas ao sistema escravista e ao “domínio” português. Nesse cenário, a cidade de Ouro Preto, anteriormente denominada Vila Rica, destaca-se como espaço de análise, uma vez que desempenhou papel central no ciclo do ouro e na consolidação da economia colonial. Pois desde o início do século XVIII, entre 1710 e 1715, Vila Rica já apresentava significativo contingente de pretos livres, evidenciando a complexidade social da região para além da dicotomia entre senhores e escravizados.

Nesse período, surgiram importantes irmandades negras, como a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pilar, fundada em 1715, e a Irmandade de Santa Efigênia, criada em 1717. Associações religiosas que constituíram espaços fundamentais para organização social, espiritual e política da população negra, tanto escravizada quanto livre, funcionando como assistência mútua e preservação cultural e identitária desses grupos.

A Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, vinculada à Irmandade do Pilar, desempenhou papel central nesse processo. Para além de sua função religiosa, configurou-se como espaço de encontro, sepultamento e articulação comunitária, no qual se fortalecem práticas e tradições africanas. Sendo assim, práticas congadeiras já estavam presentes em diversas regiões de Minas Gerais e do Brasil desde o século XVII, o que demonstra a amplitude histórica e territorial dessas expressões culturais.

A intensa exploração mineral na região demandou grande contingente de mão de obra africana e afrodescendente, submetida a condições precárias de trabalho, violência constante e negação sistemática de direitos. Entretanto, é fundamental destacar que a ciência, técnicas e a inteligência africana constituem condições indispensáveis para o êxito da mineração, pois os mesmos tinham meios necessários para que o ouro fosse extraído da melhor forma. No cotidiano trabalhadores negros, escravizados ou livres, que dominavam os conhecimentos necessários à identificação dos veios auríferos, às técnicas de escavação e ao manejo dos instrumentos de extração. Enquanto os brancos, em geral, ocupavam somente a posição de proprietários das lavras e detentores do poder político e

econômico.

A exploração econômica, consolidou-se uma estrutura social profundamente desigual, marcada pelo controle exercido pelos grupos dominantes sobre a população negra. Esse contexto de opressão gerou conflitos, fugas e múltiplas formas de resistência, manifestadas não apenas por meio de revoltas explícitas, mas também através da religiosidade, da cultura e das expressões artísticas.

Mesmo após a abolição da escravidão, em 1888, a ausência de políticas públicas voltadas à inclusão social da população negra contribuiu para a perpetuação das desigualdades raciais. Os ex-escravizados foram inseridos em uma sociedade que continuou a negar direitos básicos, como educação, trabalho digno e moradia.

Desse modo, o racismo permaneceu estruturante na organização social brasileira, manifestando-se por meio da discriminação, da marginalização econômica e da desigualdade de oportunidades. Nesse contexto, as manifestações culturais de matriz africana em Ouro Preto assumem papel central como formas de resistência, preservação da memória e afirmação identitária.

Sendo assim Congado, a Congada e o Reinado articulam fé, música, dança e ancestralidade, fortalecendo vínculos comunitários e promovendo a transmissão intergeracional de saberes. A Festa do Reinado, intitulada A Fé que Canta e Dança é realizada desde 2009, e representa a continuidade dessa tradição, ultrapassando o caráter estritamente religioso ao reafirmar pertencimentos e memórias coletivas.

O reconhecimento institucional dessas práticas evidencia sua relevância histórica e social. Em 2020, a Prefeitura de Ouro Preto elaborou dossiês de registro que contemplaram o Congado e outros grupos tradicionais. Posteriormente, em junho de 2025, o Congado, a Congada e o Reinado foram oficialmente reconhecidos como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, consolidando sua importância no âmbito nacional.

De modo semelhante, a produção artística de Tunico dos Telhados configura-se como expressão contemporânea dessa tradição de resistência cultural. Além disso o mesmo era Participante ativo das festividades do Congado, o artista estabelece diálogo direto com essas manifestações em sua trajetória pessoal e criativa. Ao intervir nos telhados e na paisagem urbana de Ouro Preto, ressignificar a arquitetura colonial, tornava visível a presença afro-brasileira no espaço urbano da cidade. Sua produção ultrapassa a dimensão estética, assumindo caráter político ao denunciar desigualdades raciais e valorizar a identidade negra.

Na contemporaneidade, os impactos desse processo histórico permanecem evidentes, refletindo-se em elevados índices de pobreza, desemprego e precarização do trabalho que afetam de maneira mais intensa a população negra. Apesar de avanços legais e do reconhecimento formal da igualdade racial, as estruturas herdadas do período colonial continuam a sustentar o racismo estrutural no país.

Dessa forma, a análise da formação histórica e social de Ouro Preto demanda o reconhecimento simultâneo das desigualdades raciais produzidas pelo sistema escravista e do protagonismo e participação negra na construção econômica, cultural e simbólica da cidade. As manifestações como o Congado, assim como a produção artística de Tunico dos Telhados, e outros artistas afrodescendentes evidenciam que a arte e a cultura constituem instrumentos fundamentais de resistência, memória e afirmação identitária, contribuindo de maneira significativa para o debate acerca do racismo, da desigualdade social e da justiça histórica no Brasil.

1.1 Justificativa da pesquisa

A relevância desta pesquisa reside na necessidade de resgatar e analisar a história e a cultura da população negra em Ouro Preto, trazendo por meio de festas negras de reinado, com seus congados, moçambiques e outros grupos participantes e a estética de Tunico dos telhados um olhar sobre Ouro Preto uma cidade reconhecida mundialmente por seu patrimônio histórico, artístico e arquitetônico. Embora amplamente divulgada por sua importância no ciclo do ouro e pela beleza de suas construções coloniais, a narrativa dominante sobre a cidade frequentemente invisibiliza o papel central da população negra na sua formação social, econômica e cultural. A partir desse contexto, torna-se essencial investigar como a presença negra se expressou, resistiu e se manifestou ao longo da história da cidade, contribuindo para a construção de sua identidade cultural.

Além disso, a pesquisa justifica-se pela oportunidade de analisar as manifestações artísticas e culturais de matriz africana como instrumentos de

resistência e preservação da memória. Práticas como o Congado, bem como produções contemporâneas de artistas locais, como Tunico dos Telhados revelam dimensões históricas e sociais que dialogam com a construção identitária da população negra que se estende a Ouro Preto e região. Ao estudar essas expressões, a pesquisa contribui para compreender como a arte atua como meio de resistência frente às desigualdades históricas e à marginalização cultural.

Por fim, a pesquisa se justifica por seu potencial de promover uma reflexão crítica sobre as permanências do racismo estrutural na cidade. O racismo e suas múltiplas implicações não incidem exclusivamente sobre a população residente na área central histórica, mas alcançam também os habitantes das demais regiões do município, exemplos disso os distritos de Santo Antônio do Salto e Miguel Burnier, onde também se encontram grupos de Congado, acabam vivenciando de forma acentuada os efeitos dessas desigualdades. Nesses contextos, o racismo estrutural se expressa por meio de assimetrias no acesso a serviços públicos, limitações nas oportunidades econômicas, precarização das condições de trabalho e insuficiente reconhecimento das práticas culturais locais. Desse modo, as disparidades raciais articulam-se às desigualdades territoriais, configurando um quadro complexo de exclusão que demanda análise crítica e formulação de políticas públicas comprometidas com a equidade social e racial.

Ao valorizar e analisar a cultura negra local, o estudo não apenas amplia o conhecimento acadêmico sobre Ouro Preto, mas também oferece subsídios para iniciativas que busquem a promoção da equidade racial, o reconhecimento da diversidade cultural e a construção de uma memória histórica mais plural e inclusiva. Dessa forma, este trabalho reforça a importância de valorizar e reconhecer a contribuição da população negra para a formação histórico-cultural de Ouro Preto, mostrando que a arte e a cultura podem atuar como instrumentos de resistência e transformação social.

Ao mesmo tempo, evidencia a necessidade de ações que promovam a equidade racial. Essa análise demanda compreensão do contexto legal relacionado à questão racial, dessa forma leis incluindo a Lei Feijó (1831), a Lei Eusébio de Queirós (1850), a Lei do Ventre Livre (1871), a Lei dos Sexagenários (1885), a Lei Áurea (1888), o Código Penal de 1890 que criminaliza práticas culturais afro-brasileiras, a Constituição de 1988, a Lei Caó (1989), a Lei 10.639/2003, a Lei 11.645/2008 e a Lei 14.532/2023. São dispositivos que evidenciam tanto a

marginalização histórica quanto os avanços legais no enfrentamento do racismo e na valorização da cultura afro-brasileira. No contexto local, o racismo estrutural manifesta-se não apenas na área central histórica, mas também nos distritos mais distantes do município. Os grupos de Congados, atuam enquanto expressões de resistência afro-religiosa, revelam a pluralidade cultural da região, e a produção de Tunico dos Telhados demonstra como a arte atua como instrumento de memória, afirmação identitária e transformação social. Dessa forma, a pesquisa contribui para uma compreensão crítica e plural da história de Ouro Preto, reafirmando a centralidade da população negra na formação histórica, cultural e social do município.

1.2 Metodologia

A pesquisa foi conduzida a partir de uma abordagem histórico-social, buscando compreender a formação de Ouro Preto com foco na população negra e nas práticas culturais de resistência desenvolvidas ao longo do período colonial e na contemporaneidade.

O trabalho foi desenvolvido a partir de dois eixos metodológicos principais: pesquisa bibliográfica e pesquisa com fontes orais. A pesquisa bibliográfica fundamentou-se em livros, artigos acadêmicos, dissertações e teses que abordam temas como escravidão, colonialismo português, racismo estrutural, memória social, cultura afro-brasileira, Congado e patrimônio histórico. Esse levantamento teórico possibilitou a construção do referencial analítico necessário para compreender as dinâmicas históricas e sociais que estruturam a cidade de Ouro Preto, bem como as formas de invisibilização da população negra nas narrativas oficiais.

Complementarmente, foi realizada uma pesquisa de história oral, tendo como principal fonte o depoimento do capitão do Congado Kedson Geraldo de Ouro Preto. A utilização da fonte oral mostrou-se fundamental para acessar saberes, experiências e memórias que não se encontram registradas nos documentos oficiais, permitindo valorizar as narrativas produzidas pelos próprios sujeitos

históricos. O relato do capitão Kedison Geraldo, contribuiu para a compreensão do Congado como prática cultural, religiosa e política, além de evidenciar sua importância enquanto espaço de resistência, sociabilidade e preservação da ancestralidade africana.

A análise tanto da entrevista quanto das fontes bibliográficas quanto do depoimento oral, foi realizada de forma interpretativa, buscando estabelecer relações entre passado e presente. As informações foram examinadas conceitos como memória, identidade, resistência e racismo estrutural, possibilitando uma leitura crítica sobre a formação urbana e simbólica de Ouro Preto e sobre a permanência das desigualdades raciais na atualidade. Por fim, a pesquisa adotou uma perspectiva que reconhece a cultura e a arte como campos de disputa política e simbólica, incorporando a análise da produção artística de Tunico dos Telhados como elemento fundamental para a compreensão das estratégias contemporâneas de reinscrição da presença negra no espaço urbano e patrimonial da cidade

2 OURO PRETO E A PRESENÇA NEGRA NA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA CIDADE.

A cidade de Ouro Preto, anteriormente denominada Vila Rica, constituiu-se

como um espaço marcado por profundas desigualdades ao longo do período colonial, destacado pela expressiva presença de populações negras, que foram fundamentais para sua formação histórica e econômica da região. O município é amplamente reconhecido por seu patrimônio histórico, artístico e arquitetônico, evidenciado por suas igrejas barrocas e rococó, antigas minas de exploração manual de ouro e casas remanescentes do coloniais, que refletem a dinâmica social, econômica e cultural do Brasil. Inserido nesse contexto, o movimento da Inconfidência Mineira, embora associado à contestação do domínio colonial português no século XVIII, foi um movimento de elite, cujas lideranças eram majoritariamente formadas por setores abastados da sociedade, sem a participação direta das camadas populares e da população negra e que tinha na escravidão de negros suas bases de sustentação.

Durante o ciclo do ouro, a presença de africanos de origem bantu majoritariamente e seus descendentes intensificou-se na região. Esses homens e mulheres foram trazidos de maneira forçada ao Brasil e submetidos ao regime de escravização, sendo utilizados principalmente como mão de obra nas atividades de exploração mineral, a céu aberto, pois somente eles possuíam conhecimento e técnicas. A organização social local.

Outro aspecto que merece um aprofundamento maior é a importância dos africanos no desenvolvimento e aplicação das técnicas de mineração, uma vez que a maioria dos negros sequestrados em África para os trabalhos em Minas Gerais já possuíam conhecimentos de práticas de extração do ouro. Esses mineradores eram provenientes de antigos reinos africanos, como Gana, Mali e Ashanti, que englobam os atuais países de Mali, Gana, Benin, Togo, parte da Nigéria e Camarões. A presença destes povos africanos em muito auxiliou no nascimento da indústria da mineração e metalurgia no Brasil, pois já dominavam técnicas de mineração e de siderurgia quando foram sequestrados e trazidos para o Brasil para trabalhar na extração de ouro (Reis, 2007).

As desigualdades sociais eram evidentes na divisão rígida entre os grupos dominantes, como os moradores proprietários e representantes da administração colonial, e os grupos subalternizados, em especial os escravizados africanos e seus

descendentes. Nesse modelo social, a exploração intensa do trabalho e a negação de direitos geram conflitos e múltiplas formas de resistência. Fugas, revoltas e outras estratégias de enfrentamento ao regime escravista expressavam a insatisfação diante da ordem colonial vigente.

Ao discutir a centralidade da população negra na economia do ouro em Ouro Preto, é imprescindível considerar a produção científica que ressalta o papel dos saberes técnicos e das experiências adquiridas pelos povos africanos trazidos ao Brasil. Estudos como o de Eduardo Evangelista Ferreira (2017), em sua dissertação *Patrimônio mineiro na Serra do Veloso em Ouro Preto-MG: registro, análise e proposição de circuitos geoturísticos interpretativos*, mostram que a extração aurífera no século XVII e XVIII. Só pode ser compreendida pela presença de pessoas negras, mas também pelo conjunto de conhecimentos e práticas técnicas que contribuíram para a exploração mineral. Além disso outros conhecimentos de festividades e também técnicas que são usadas até nos dias atuais Essa perspectiva problematiza narrativas simplificadas e reconhece que, independentemente da formulação historiográfica específica, os saberes e as experiências acumulados por africanos e afrodescendentes foram centrais para a operação técnica de extração mineral de Ouro Preto e região.

A população negra, embora subalternizada, foi componente essencial da reprodução material da mineração e da vida colonial, enfrentando e resistindo às condições impostas pelo regime escravista por meio de uma diversidade de práticas sociais, culturais e comunitárias. No século XVIII, Ouro Preto, então denominada Vila Rica, consolidou-se como o principal centro do ciclo do ouro em Minas Gerais, experimentando uma intensa expansão urbana. Esse desenvolvimento urbano e econômico só foi possível devido à participação majoritária de africanos escravizados e de seus descendentes, que constituíam a maior parte da população local e eram fundamentais para a extração e manejo das jazidas auríferas.

A mineração em Ouro Preto demandava não apenas força física, mas também conhecimentos técnicos especializados, desenvolvidos e aprimorados pelos povos africanos de origem bantu trazidos à região, especialmente aqueles de origem bantu, que dominavam práticas de perfuração, drenagem, transporte e beneficiamento do ouro. A eficiência da mineração no século XVIII dependiam, portanto, diretamente da inteligência prática, das técnicas e da experiência acumulada por esses trabalhadores, evidenciando que a exploração do ouro não

poderia ocorrer sem sua expertise. Nesse sentido, Eduardo Evangelista Ferreira (2017), em sua dissertação *Patrimônio mineiro na Serra do Veloso em Ouro Preto-MG: registro, análise e proposição de circuitos geoturísticos interpretativos*, afirma que “a cidade colonial foi construída a partir da mineração, sendo a Serra um elemento fundamental dessa história, pois toda a urbanização e economia giraram em torno do aproveitamento dos recursos minerais e das galerias de extração”. Tal análise reforça a centralidade da população negra não apenas como força de trabalho, mas como detentora de saberes técnicos e experiência prática indispensáveis à organização econômica e à conformação do espaço urbano colonial.

Além das atividades produtivas, a população negra organizava-se em redes sociais e religiosas que reforçaram identidade e solidariedade coletiva. As irmandades que desempenhavam papel central na vida comunitária, articulando fé, sociabilidade e resistência cultural. Em 2019, descobertas arqueológicas em um casarão da Rua Conde de Bobadela (Rua Direita) revelaram vestígios materiais e representações gráficas associadas alguma etnia africana, incluindo desenhos em baixo relevo, figuras e objetos que indicam práticas culturais, que mostravam como era a vida cotidiana dos africanos que foram escravizados, raptados e trazidos para a região.

No mesmo ano, foi redescoberta a Bandeira de Ferro da Irmandade do Alto da Cruz, artefato forjado há mais de 200 anos, utilizado nas festividades religiosas e nos reinados negros. A bandeira apresenta figuras de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, refletindo a devoção afro-brasileira e a religiosidade sincrética das irmandades. Sua técnica de produção, incluindo fundição e pintura, evidencia o conhecimento especializado dos ferreiros africanos, destacando o papel da população negra não apenas como mão de obra, mas como detentora de saberes técnicos e artísticos essenciais para a vida econômica, social e simbólica de Ouro Preto.

A população negra foi fundamental para a construção material e simbólica da cidade, contribuindo não apenas para o desenvolvimento econômico e a infraestrutura urbana, mas também para a formação de identidades coletivas, elementos culturais e práticas de resistência que marcaram a história de Ouro Preto ao longo do século XVIII. A presença africana foi determinante não apenas na exploração das minas e no crescimento urbano, mas também na consolidação de

movimentos culturais e formas de resistência negra, como as irmandades religiosas, festividades, danças e outras expressões culturais que permitiam aos escravizados preservar sua memória, afirmar sua identidade e enfrentar, mesmo que parcialmente, as imposições do sistema escravista, deixando marcas duradouras na história e na identidade da cidade.

3 MEMÓRIA, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NEGRA

A presença da população negra no Brasil, resultante do tráfico forçado de africanos, deixou marcas profundas de resistência que se expressam por meio de tradições culturais, religiosas e de memória que permanecem vivas ao longo do tempo. Essas heranças africanas, transplantadas para o contexto colonial brasileiro, foram alvo de constantes tentativas de apagamento, promovidas pelo projeto colonial que buscava impor valores europeus e cristãos como únicos modelos legítimos. Diante disso, torna-se essencial compreender a trajetória histórica das diversas identidades africanas a partir de epistemologias negras, de modo que essas populações sejam reconhecidas não como meros objetos de estudo, mas como sujeitos históricos ativos na construção da cultura e da sociedade brasileira, conforme ressalta Munanga (2015, p. 17).

Desde o período colonial, pessoas negras mobilizaram diferentes estratégias para garantir a sobrevivência de seus costumes, crenças e tradições, apesar das condições de exploração, violência e exclusão social às quais foram submetidas. A imposição do batismo cristão e a substituição dos nomes africanos por nomes europeus constituíram práticas simbólicas de apagamento identitário, que buscavam romper os vínculos dos africanos com suas origens. Ainda assim, esses indivíduos eram excluídos dos espaços religiosos destinados à população branca, o que

impulsionou a organização de formas autônomas de religiosidade.

Nesse cenário, as irmandades religiosas negras assumiram papel central, promovendo a construção de igrejas dedicadas a santos associados à população negra, como São Benedito e Santa Efigênia. Conforme aponta Castanha (2008, p. 27), os africanos e seus descendentes incorporaram a devoção aos santos católicos sem abandonar os referenciais religiosos africanos, estabelecendo continuidades simbólicas entre essas tradições. Embora inseridas em uma lógica de controle social, tais irmandades também se constituíram como espaços de solidariedade, organização coletiva e preservação cultural e centros de práticas devocionais que reuniam procissões, promessas e festividades.

"Na região das Minas do Ouro, durante o período do Setecentos, o século XVIII, surgiu a história de Galanga Chico Rei, uma narrativa de origem central para as festas dos Reinados e Congados e que apresenta elementos de uma outra tradição de resistência ao escravismo, alternava aos quilombos, ocorrendo nas margens do sistema. A referência a Chico Rei aparece nos dados enviados pelos grupos por meio dos cadastros, em municípios como Ouro Preto, Itaipicera, Peçanha e São Domingos do Prata. O Reinado de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, do município Ouro Preto, por exemplo, aponta que sua origem remonta ao tempo de Chico Rei, que teria se casado na Igreja de Santa Efigênia em um dia 06 de janeiro de meados do século XVIII. Ela foi introduzida em Ouro Preto pela corte de Chico Rei, e conta-se que daqui o costume se espalhou para todo o estado".

¹ IEPHA-MG. *Dossiê Reinado e Congados: Caminhos, Expressões e Celebrações do Rosário em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2024, pp. 69-70.

Os Congadeiros como eram conhecidos, constituíam-se de grupos organizados e formados por africanos escravizados mas também de descendentes, que tinham um papel fundamental no enfrentamento das condições impostas pelo sistema escravocrata. O nome remete ao Reino do Congo, na África, mas esses grupos não se restringiam a pessoas que vinham somente dessa região, eram coletivos de negros de diferentes origens africanas que se uniam e faziam práticas culturais, religiosas e sociais de matriz africana. Esses grupos funcionavam como espaços de proteção coletiva e resistência, possibilitando que a população negra preservasse as tradições, e a memória de sua ancestralidade em meio à opressão colonial.

Por meio dos Congadeiros, permitia que fosse possível a circulação de saberes ancestrais, a transmissão da memória coletiva e a elaboração de estratégias de sobrevivência, aspectos que contribuíram de maneira decisiva para a formação da cultura afro-brasileira. Nesse sentido, as manifestações culturais associadas aos Congos assumem um papel central na construção das identidades negras, pois permitiam a afirmação de pertencimentos étnico-culturais e o fortalecimento de vínculos comunitários. Essas práticas culturais não apenas expressavam tradições herdadas da África, mas também atuavam como instrumentos de resistência simbólica e de formação identitária no contexto da sociedade escravista, evidenciando o papel das manifestações culturais na consolidação da identidade afro-brasileira e na preservação da memória histórica.

Na contemporaneidade, há diversas manifestações culturais de matriz africana, derivadas das antigas organizações dos Congos, que continuam desempenhando um papel fundamental na preservação da memória, identidade e resistência da população negra no Brasil. Expressões como, Congados, moçambiques, candomblé, tamborzeiros, caboclos, marujos e catupés atualizam tradições históricas por meio de práticas que envolvem música, dança e coroações simbólicas, uso de bandeiras e instrumentos percussivos, reafirmando pertencimentos étnico-culturais e fortalecendo esses laços. Assim, as expressões culturais contemporâneas vinculadas aos Congos não apenas preservam heranças históricas, mas consolidam-se como instrumentos permanentes de resistência simbólica e de fortalecimento da identidade afro-brasileira.

4 AÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS NEGRAS EM OURO PRETO

4.1 Tunico dos telhados



Imagem: Tunico dos telhados em exposição na sala Manoel da Costa Athaide, 2018/2019. Foto: Acervo IBRAM

Durante grande parte da história brasileira, a população negra enfrentou múltiplas formas de opressão e marginalização, lutando pelo reconhecimento de direitos, nesse contexto, as manifestações culturais de matriz africana, como os Congados na região de Ouro Preto, constituíram importantes espaços de afirmação identitária e resistência. Inserido nesse universo cultural, sendo assim, Tunico dos telhados assim como o congado trazem uma profunda valorização da ancestralidade negra e afro-brasileira que está enraizada na cidade de ouro preto durante sua trajetória artística e cultural. Nascido em Antônio Dias, Ouro Preto, em 1952, o artista consolidou-se como referência da resistência cultural e da expressão afro-brasileira na cidade, utilizando a arte como instrumento de afirmação identitária e crítica social. Esse fenômeno, consolidado como referência da resistência cultural e da expressão artística afro-brasileira na cidade.

Tunico, buscou expandir suas habilidades e reconhecimento artístico. Inicialmente, transferiu-se para São Paulo, onde participou de exposições em instituições como a Escola de Belas Artes, o Colégio Judas Tadeu e a Pinacoteca, inserindo-se em um contexto urbano e artístico de grande efervescência. A presença de Tunico nas artes visuais transcendeu a estética, atuando como instrumento de denúncia simbólica contra as barreiras raciais e sociais, reforçadas pela violência e discriminação que marcaram o Brasil nas décadas de 1970 e 1980. Sua identidade negra, marcada por elementos como os dreads, tornou-se parte integrante de sua obra e de sua visibilidade pública, evidenciando a dimensão política de sua arte.

O retorno de Tunico a Ouro Preto representou uma redefinição de sua prática artística e de sua relação com o espaço urbano. Inspirado pelo livro *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, e pela paisagem barroca da cidade, Tunico passou a assinar suas obras como “Tunico dos Telhados”, estabelecendo diálogo direto com os elementos arquitetônicos, ruas e telhados da cidade histórica. A escolha do espaço urbano como suporte simbólico e visual para sua obra evidencia a articulação entre arte e território, na qual a cidade torna-se palco e interlocutora das narrativas afro-brasileiras. Por meio dessa prática, Tunico contribuiu para a ressignificação da memória urbana, associando a estética barroca da cidade à presença cultural negra historicamente invisibilizada.

A produção de Tunico caracteriza-se pelo detalhamento, pelo uso vibrante de cores e pela invenção de técnicas próprias, evidenciando não apenas excelência artística, mas também a dimensão de resistência cultural. Seu trabalho transformou-se em elemento de afirmação identitária, transmitindo saberes históricos e sociais, além de contribuir para a construção de uma memória coletiva afro-brasileira em Ouro Preto. Recentes exposições em homenagem à sua trajetória, como *Minha missão é ser artista: Tunico, uma travessia*, organizada por estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), e a professora do Departamento de Museologia, responsável pelo Laboratório de Museografia (Labmus) e orientadora da exposição, Priscilla Arigoni Coelho, reforçam a importância de sua obra na reflexão sobre patrimônio, identidade cultural e memória

social, sobretudo entre novas gerações de artistas e pesquisadores.



Figura 2- A arte de Tunico dos Telhados. Foto Acervo do artista.

Dessa forma, Tunico dos Telhados pode ser compreendido como um símbolo de resistência cultural popular, cuja arte funciona simultaneamente como denúncia das desigualdades raciais e afirmação da identidade negra. Seu diálogo com o espaço urbano, a arquitetura colonial e os telhados da cidade histórica constitui uma estratégia estética e política de ressignificação cultural, permitindo que a presença afro-brasileira em Ouro Preto seja reconhecida e celebrada por meio da arte. A trajetória de Tunico evidencia que a criação artística não é apenas expressão estética, mas também instrumento de preservação da memória, construção identitária e resistência cultural em contextos historicamente marcados pelo racismo e pela exclusão social. A trajetória de Tunico dos Telhados evidencia a centralidade da arte enquanto instrumento de resistência e afirmação da identidade negra. Por meio de sua produção, o artista estabeleceu um diálogo profundo com a paisagem urbana de Ouro Preto, utilizando telhados, ruas e elementos da arquitetura colonial como suporte simbólico e expressivo, ao mesmo tempo em que incorporou saberes e práticas de matriz africana, fortalecendo a memória e a presença cultural da população negra na cidade.

4.2 O Congado em Ouro Preto

O Congado no Brasil tem sua origem no contexto da diáspora africana, a formação histórica das festas de Reinado no Brasil, destacando suas origens no século XVIII, sendo assim é necessário destacar que os Congados e Moçambiques não se restringem ao campo do folclore, mas configuram como práticas religiosas e culturais afro-brasileiras, que trazem transmissão intergeracional de saberes e forte vínculo com a ancestralidade africana. Especialmente de matriz bantu, que trouxeram consigo um vasto repertório de práticas religiosas, culturais e simbólicas para a região ouropretana.

Segundo Sidnéa Francisca dos Santos, em *Pisa nesse chão devagarinho: memória e resistência dos grupos de Congado e Moçambique de Ouro Preto (2003–2023)* (2024), A Guarda de Congo de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia do Alto da Cruz são reconhecidas como Guarda Matriz dos congados de Ouro preto e minas Gerais, sendo assim simboliza a figura de Chico rei sua origem é situada no século XVIII, período onde houve disputas entre paulistas e portugueses pelo domínio das áreas de mineração e pela consolidação das irmandades religiosas negras, e pela construção de templos, como a Igreja de Santa Efigênia, iniciada na década de 1730 e concluída em 1785.

Dessa forma, em 1717, houve o surgimento da irmandade de Santa Efigênia do Alto da Cruz, inicialmente vinculada à Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Antônio Dias e logo após a construção da igreja de Santa Efigênia em 1785. No início do século XVIII, havia uma estrutura religiosa negra consolidada, contexto no qual se desenvolveram as práticas congadeiras. Dessa forma, o Congado consolidou-se como um importante instrumento de resistência cultural e de preservação da memória ancestral africana.

sendo assim estavam vinculados à irmandade cuja historicidade não é documentalmente comprovada, mas , a guarda preserva a chamada “tradição de Chico Rei”, que se mantém viva por meio da oralidade, da ritualidade e das celebrações coletivas. Entre essas, destaca-se a Festa do Reinado, também denominada Festa da Coroação de Chico Rei, expressão central da religiosidade e

da memória afro-brasileira local. Após um período de interrupção iniciado na década de 1990, o Congado do Alto da Cruz foi reorganizado a partir de 2008, com a retomada da Festa do Reinado. Esse momento configura o marco mais consistente de sua rearticulação contemporânea, reafirmando sua relevância como patrimônio cultural e como expressão de resistência e continuidade da tradição congadeira em Ouro Preto.

Para além de seu caráter religioso, a Festa do Reinado promove a valorização da cultura afro-brasileira, o fortalecimento da identidade negra, a preservação da memória ancestral e a transmissão intergeracional de saberes, reafirmando o Congado como uma relevante expressão de resistência cultural, religiosa e social, tanto no contexto histórico quanto na atualidade em Ouro Preto. Ressalta-se, ainda, que o Congado, Reinados, Congadas, e demais grupos Brasil afora, foram reconhecidos como Patrimônio Cultural Imaterial pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IPHAN), reconhecimento que evidencia sua importância histórica, social e cultural, assegurando sua preservação e valorização como parte integrante da memória coletiva da população afro-brasileira.

O capitão ou general do terno, figura responsável pela ordem do grupo, primeira voz da Congada depois do rei, chama com seu apito os soldados e dá início às orações cantadas por ele e respondidas por seus subordinados. Os instrumentos já preparados e benzidos, começam a soar dentro do terreiro e os congadeiros passam a dançar para a Santa lá mesmo, levantando uma poeira com cheiro de terra e ares místicos. Nesse momento, são invocados os santos, e também, em alguns terreiros, pessoas da casa que já faleceram e a quem pedem proteção (Korossy, 2000, p. 34).

Em entrevista realizada com o atual capitão da guarda de Moçambique, Kedison Geraldo Ferreira Guimaraes, observa-se a importância da organização do grupo na manutenção da tradição. O capitão destaca que a celebração constitui um espaço de encontro entre fé, memória e pertencimento, no qual se mantêm vivos os laços com a ancestralidade afro-brasileira. Dessa forma, a Festa do Reinado configura-se como uma memória viva, de grande relevância para a ritualidade, a continuidade das práticas culturais e o fortalecimento do sentimento de pertencimento da comunidade congadeira.

As manifestações culturais de matriz africana em Ouro Preto, como o Congado e a produção artística de Tunico dos Telhados, são fundamentais para a preservação da memória, a afirmação da identidade negra e a resistência cultural da população afro-brasileira. O Congado, por meio de danças, cantos e rituais sincréticos entre tradições africanas e católicas, permite a transmissão de saberes ancestrais, fortalece a identidade negra e cria espaços de fé, pertencimento e sociabilidade, sendo reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial pelo IPHAN. A arte de Tunico dos Telhados ressignifica a paisagem urbana de Ouro Preto, incorporando telhados, ruas e elementos da arquitetura colonial como suporte para narrativas afro-brasileiras. Seu trabalho evidencia como a produção artística negra contribui para a memória histórica, a visibilidade cultural e a resistência simbólica frente à marginalização.

Essas práticas, religiosas e artísticas, reafirmam a presença afro-brasileira na cidade, fortalecem os laços comunitários e promovem a valorização da cultura negra, mostrando que a expressão cultural é um instrumento de identidade, memória e resistência em Ouro Preto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho evidencia que a formação histórica de Ouro Preto está intrinsecamente ligada à presença da população negra. A riqueza material que possibilitou a consolidação da antiga Vila Rica como centro da economia mineradora colonial, bem como a construção de igrejas, casarões e monumentos que hoje constituem o patrimônio histórico da cidade, resultou, em grande medida, do trabalho compulsório de africanos escravizados e de seus descendentes. Para além da força física, é fundamental reconhecer que os conhecimentos técnicos, as experiências mineradoras e os saberes trazidos do continente africano foram essenciais para o êxito da exploração aurífera e para a própria consolidação econômica da região.

Entretanto, embora tenham sido protagonistas na construção material e simbólica da cidade, os sujeitos negros foram historicamente invisibilizados nas narrativas oficiais. Nesse contexto, as manifestações culturais de matriz africana, como o Congado, assumem papel central na preservação da memória afro-brasileira em Ouro Preto. Os Congados, Reinados e Moçambiques configuram-se como práticas religiosas, culturais e comunitárias que articulam fé, ancestralidade, organização coletiva e transmissão intergeracional de saberes. Ao manter viva a tradição vinculada às irmandades negras e à memória de Chico Rei, o Congado reafirma a presença histórica da população negra na cidade e fortalece identidades coletivas que resistem ao apagamento.

A retomada contemporânea da Festa do Reinado e o reconhecimento dessas práticas como patrimônio cultural imaterial reforçam sua relevância não apenas como expressão religiosa, mas como instrumento de resistência simbólica e afirmação identitária. Por meio de cantos, danças, rituais e hierarquias internas, a comunidade congadeira atualiza a memória ancestral, transformando o espaço urbano em território de celebração e pertencimento.

De modo convergente, a trajetória artística de Tunico dos Telhados insere-se nesse movimento de resistência e valorização da memória afro-brasileira. Participante das festividades do Congado, Tunico incorporou em sua produção artística elementos da cultura negra e estabeleceu diálogo direto com a paisagem urbana de Ouro Preto. Ao ressignificar telhados, ruas e estruturas da arquitetura colonial, sua obra evidenciou a presença afro-brasileira em um espaço

historicamente marcado por narrativas eurocêntricas. Sua arte ultrapassa a dimensão estética, assumindo caráter político ao denunciar desigualdades raciais e afirmar a identidade negra na cidade.

Assim, tanto os grupos de cultura popular tradicional quanto a produção artística de Tunico dos Telhados revelam-se estratégias eficazes de preservação da memória e de fortalecimento da identidade afro-brasileira em Ouro Preto. Essas expressões demonstram que a população negra não foi apenas força de trabalho na construção da cidade, mas agente fundamental na constituição de sua cultura, religiosidade e patrimônio simbólico.

Conclui-se, portanto, que compreender Ouro Preto deve e precisa reconhecer o protagonismo negro em sua formação histórica, econômica e cultural. As manifestações congadeiras e as ações artísticas de Tunico reafirmam que a memória afro-brasileira permanece viva, dinâmica e atuante, constituindo-se como instrumento de resistência, pertencimento e construção identitária. Valorizar essas expressões é, também, um passo essencial para enfrentar as desigualdades históricas e promover uma leitura mais justa e plural da história da cidade.

REFERÊNCIAS

BORREGO, Maria Aparecida de Menezes. *Códigos e práticas: o processo de constituição urbana em Vila Rica colonial (1702–1748)*. 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade FEASP, São Paulo, 2004.

CAMPOS, Kátia Maria Nunes. *Vila Rica: formas espontâneas e planejadas num traçado urbano setecentista*. 2012. Trabalho acadêmico (dissertação ou tese) – Instituição de ensino, Local, 2012.

CASTANHA, Marilda. *Agbalá, um lugar no continente*. Ilustração da autora. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

FERREIRA, Eduardo Evangelista. *Patrimônio mineiro na Serra do Veloso em Ouro Preto-MG: registro, análise e proposição de circuitos geoturísticos interpretativos*. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2017.

GUEDES, Victor. *A performatividade no congado: “canções” e identidades resistentes*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2015.

GUEDES, Victor. Memória e resistência negra em grupos tradicionais de matriz africana. In: SEMINÁRIO PENSANDO ÁFRICAS E SUAS DIÁSPORAS, 3., 2015, Mariana. *Anais do III Seminário Pensando Áfricas e suas diásporas: parte 1*. Mariana, MG: NEABI/UFOP, 2015. (Pensando Áfricas e suas diásporas, v. 1, n. 2, jul./dez. 2015).

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS (IEPHA-MG). *Dossiê para registro dos caminhos, expressões e celebrações do Rosário em Minas Gerais*. Belo Horizonte: IEPHA-MG, 2024.

KOROSSY, André. *Congada: festa de preto em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2000.

MORAES, Renan Siqueira. *Aquarela do Brasil: a emergência do conceito sociopolítico de democracia racial (1920–1950)*. 2023. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2023.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 2015.

REIS, Flávia Maria da Mata. *Entre faisqueiras, catas e galerias: explorações do ouro, leis e cotidiano nas Minas do século XVIII (1702-1762)*. 2007. 299 f. Dissertação (Mestrado em História) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SANTOS, Fernando de O. *Pós-abolição e a luta pela cidadania negra na cidade de São Paulo (1891-1930)*. Assis: PPGH-Unesp, 2020. [DISSERTAÇÃO].

Sidnéa Francisca dos Santos. *Pisa nesse chão devagarinho: memória e resistência dos grupos de Congado e Moçambique de Ouro Preto (2003–2023)*. 2024.

SOUZA, Laura de Mello e. *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.